



Data: 14.01.2021

Título: "Não basta dizer que não há raças, porque há racismo todos os dias"

Pub: **SÁBADO**

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Revista Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 28;29;30

ENTREVISTA

É investigadora no Instituto de Ciências Sociais, em Lisboa. Em 2016, ganhou uma das mais importantes bolsas do Conselho Europeu de Investigação com um projeto sobre o racismo e as racializações.

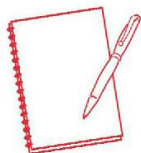
Por **Lucília Galha** (texto) e **Sérgio Lemos** (fotos)

CRISTIANA BASTOS

"Não basta dizer que não há raças, porque há racismo todos os dias"

Andou uma década a marinar esta ideia. Leu tudo o que podia e não descansou até explorar o assunto. "É que isto virava um bocado do avesso o que já se sabe da nossa História", diz Cristiana Bastos. "Isto é a história de várias populações, entre as quais também portugueses, que durante o século XIX foram traficadas para servir o poder económico" — apesar de a escravatura já ter sido abolida. E de esse contexto ter ajudado a consolidar o racismo, tal como existe hoje. A antropóloga ganhou uma bolsa do Conselho Europeu de Investigação para desenvolver este projeto chamado "A Cor do Trabalho: as Vidas Racializadas dos Migrantes". Em conversa via Zoom com a **SÁBADO**, a investigadora só lamenta não ter encontrado diários de bordo das embarcações. Há uma explicação: "Como era tudo companhias privadas, elas têm direito a eliminá-los."

Como e quando surgiu a ideia deste projeto?



Registos

Através dos livros de pagamentos das plantações foi possível reconstituir a dinâmica económica e saber quantas pessoas da família viajavam e lá trabalhavam

"As sociedades são reféns de uma forma de pensar que cristalizou nesse período das grandes plantações"

Durante um período, há mais de 10 anos, enquanto estudava aspetos de medicina e ciência dentro de contextos de império, encontrei uns escritos curiosos de um autor racista (e racista mesmo), que era um médico de Goa. Entre esses escritos havia considerações sobre os descendentes de europeus que ele encontrou em Angola nos anos 1920. Fiquei curiosa sobre quem seria aquela população e segui essa história — era uma experiência de colonização no planalto da Huíla.

Foi o que ele escreveu sobre essa população que a despertou para o tema?

Essa população era totalmente madeirense e o que me saltou à vista foi que aquelas pessoas pareciam ter uma atitude mais parecida com a de migrantes do que com a de colonizadores. Percebi que talvez fosse preciso uma ponte entre duas realidades que são tratadas separadamente: a realidade das migrações e a do império.



Área: 1317cm² / 101%

Tiragem: 100.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7035058



Data: 14.01.2021

Titulo: "Não basta dizer que não há raças, porque há racismo todos os dias"

Pub: **SÁBADO**

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Revista Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 28;29;30



Q É antropóloga e coordena o grupo Identidades, Culturas e Vulnerabilidades do Instituto de Ciências Sociais de Lisboa. Formou-se na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e fez doutoramento em Nova Iorque

Como assim?

Estava a haver um fluxo para fora da Madeira muito forte, que preocupava as autoridades. Uma espécie de roubo de gente – era nesses termos que os políticos falavam –, e isso não está claro na história que se conta habitualmente. Esse fluxo era sobretudo para a Guiana Inglesa [uma colónia britânica na costa norte da América do Sul] e, mais tarde, para o Havai. Os portugueses estavam a ser desviados para esses destinos, para fazer a riqueza dos outros, e isso deixou-me curiosa.

Foi a génese para este projeto?

Sim, a minha ambição é explorar a relação entre deslocações e recrutamentos em massa para o trabalho em plantações e o processo de diferenciação que se transformou em racialização. As sociedades são re-féns de uma forma de pensar que cristalizou nesse período das grandes plantações, primeiro com a escravização de africanos e depois, noutros termos, com outros grupos, incluindo portugueses.

Que forma de pensar é essa?

De que existem categorias de pessoas diferentes, umas destinadas a ser donos e outras a trabalhar para eles. O racismo não foi inventado nas plantações, mas esse contexto (de monoculturas de produtos vegetais destinados a mercados) ajudou a legitimar esta forma de pensar de que há raças humanas diferentes com funções diferentes e de que é legítimo escravizar umas para benefício de outras.

Mesmo depois da abolição da escravatura?

Sim, o que estou a estudar são esses contextos em que, na sequência da abolição da escravatura e continuação da economia de plantação, se encontram outras dinâmicas de racialização, com várias populações asiáticas, africanas e, entre outros, também portugueses.

Qual é a distinção entre racismo e racismo?

F *"A população era totalmente madeirense e parecia ter uma atitude mais de migrantes que de colonizadores"*

Área: 1317cm² / 101%

Tiragem: 100.000

Foto: 4 Cores

ID: 7035058



Data: 14.01.2021

Título: "Não basta dizer que não há raças, porque há racismo todos os dias"

Pub:

SÁBADO

Tipo: Revista Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 28;29;30



❏ O racismo é o sistema cognitivo e o racismo são crenças e práticas. O processo de racialização é o de produção de categorias raciais em circunstâncias históricas. Por outras palavras, o racismo é obsoleto – qualquer pessoa minimamente formada sabe que não existem raças biológicas –, mas o racismo mantém-se vivo, enquanto crenças e atitudes herdadas de um passado.

Porque é que os madeirenses faziam estas deslocações?

No início do século XIX é, definitivamente, proibida a escravatura nos lugares do império britânico, mas a economia de plantação continua e recruta outras fontes de trabalho. A Madeira era uma ilha que ficava à mão de rotas de navegação britânicas, nos anos 1830–40. Foi relativamente exequível recrutar ali pessoas para fazerem o que antes faziam os escravizados africanos.

As pessoas iam ao engano?

Nalguns casos, as pessoas eram aliçadas, nem sempre sabiam ao que iam, noutros estavam simplesmente a fugir da fome e aceitavam qualquer situação. A única fonte dessa altura, anos 1840, que encontrei parecida a um diário de bordo, narra uma situação em que eles entram no barco em pele e osso, em estado tão esquelético que a tripulação tem de cuidar primeiro deles e só depois cuida da navegação. No final do século XIX, há uma comunidade portuguesa na Guiana muito importante – foram mais de 30 mil para lá.

Isto oferece um olhar diferente sobre a nossa História.

Há muitas maneiras de contar a História, nenhuma é única e verdadeira. É mais fácil contar uma história com feitos e heróis e esquecer o outro lado. O que proponho é desfocar essa obsessão pelas conquistas imperiais e olhar para o que realmente se passava, nomeadamente no século XIX. O que falta fazer é contar a história que mostra os portugueses mais como migrantes do que como exploradores.

Não houve até hoje interesse em



É a investigadora principal deste projeto que envolve outras seis pessoas, entre as quais uma administrativa (para questões burocráticas)



Lepra

Havia tanta no Havai que uma das ilhas tinha um leprosário, chamado Kalaupapa. Olivia Robello foi uma das portuguesas a ir lá parar. Escreveu um livro sobre o exílio

contar essa história?

Houve historiadores a chamar a atenção para a importância da migração. Mas o meu objetivo é olhar para as pessoas e perceber que motivações tinham, o que passaram durante a viagem e à chegada e como foram postos numa gaveta racializada. Na Guiana diz-se que há seis raças: brancos, ameríndios, negros, indianos, portugueses e chineses. Os portugueses são tipificados enquanto raça só porque vieram ocupar um lugar na produção que os categorizou dessa maneira.

Como chegou até às histórias?

Entrevistei dezenas de descendentes e acompanho grupos de pesquisa genealógica na Internet. Além disso, estive na Guiana e no Havai, onde fiquei três meses e meio seguidos, e consultei uma série de arquivos e li milhares de fólios.

O projeto debruça-se sobre seis rotas de migração. Quais são as mais importantes?

A Guiana é a mais reveladora de realidades que os portugueses geralmente ignoram sobre a sua história. As idas durante os anos 1830–40 foram experiências radicais que levaram à morte de muita gente: violência na plantação, febres, abusos, etc.

Para o Havai, as pessoas já sabiam ao que iam e os contratos davam-lhes alguns benefícios. Mas o trabalho era o mesmo e também havia chicotes – o feitor estalava o chicote para amedrontar e há casos de maus-tratos. Entrevistei descendentes que me contaram que os seus trisavós relataram situações parecidas à escravatura.

A violência decorria do trabalho?

Sim, era brutal: 12 horas, seis dias por semana, ritmos imparáveis e a manipulação da cana-de-açúcar também é muito exigente. Além disso, para que a plantação funcionasse, punham os vários grupos em concorrência. Havaianos, japoneses, portugueses, chineses, alemães, polinésios, todos com pagamentos diferentes e separados fisicamente. Isto já no final do século XIX.

Qual foi a história que mais a impressionou?

Há uma, no contexto da migração para o Havai: foi o naufrágio de uma família. Quando chegavam a Honolulu, ficavam de quarentena num posto e só depois iam para cada uma das ilhas, trabalhar nas plantações. Numa dessas viagens, o mar estava picado, o barco grande não conseguiu desembarcar e as pessoas são metidas em escaleres [pequenas embarcações]. Há uma família em que um dos filhos vai num barco com homens e o resto segue noutro barco. Esse filho vê toda a família morrer, devorada pelas ondas. Depois há um inquérito e eu vou escrever sobre isso, é pungente.

O que se passava nas plantações tem ecos no presente?

As fraturas sociais que o sistema de plantação criou sobrevivem até hoje como divisões. Não basta dizer que não há raças, porque há racismo todos os dias. Não existem raças mas elas persistem no imaginário e, ao serem enunciadas, tornam-se reais. Veja o que aconteceu nos Estados Unidos: em 2020, nas manifestações *Black Lives Matter* houve um enorme aparato policial; já na invasão do Capitólio por agitadores brancos, quase não aconteceu nada. ❏

Área: 1317cm² / 101%

Tiragem: 100.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7035058